

Dever de casa como instrumento pedagógico

Você certamente já ouviu falar, assistiu uma palestra ou leu um livro sobre as novas dinâmicas da família e a influência disso na educação dos filhos. O fato de, na maioria das casas, mãe e pai saírem de casa para trabalhar de manhã e só voltarem à noite muda completamente os hábitos e as relações familiares.

Para lidar com essa nova rotina, a escola vem sendo obrigada a rever não só os seus métodos, mas também suas ferramentas pedagógicas. Ainda faz sentido, por exemplo, passar dever de casa para crianças que ficam o dia inteiro sozinhas ou com a babá?

“O aluno não precisa ter ninguém para ajudá-lo a fazer o dever de casa. Ele precisa apenas ter espaço e tempo para isso”, responde Cordelia de Freitas, do Serviço de Orientação Educacional (SOE). Solange Borba, coordenadora do segundo segmento do ensino fundamental, explica que o que faz falta não é a presença física dos pais para ajudar com o exercício, mas a presença educativa, que determina regras e rotinas de estudos. Ela conta que, há 45 anos, quando abriu as portas, o São Vicente em regime semi-intensivo. As crianças almoçavam e voltavam para a sala para fazer as tarefas “de casa”. Isso numa época em que, talvez na maioria das famílias, a mãe ficava a maior parte do tempo em casa. “Os pais precisam entender que a necessidade maior não é de estar presente fisicamente, mas sim de criar um momento diário de encontro com o filho para saber o que ouve na escola e perguntar se ele precisa de ajuda”, explica. Isso sim é, segundo ela, uma carência nos dias atuais: “Há pais que nem sabe que o filho não tem o livro. A construção de uma rotina passa por várias coisas, dentre elas, a organização do material”.



Ferramenta para quê?

O dever de casa tem duas funções pedagógicas principais. Em primeiro lugar, é uma forma orientada de o aluno estudar, verificando se conseguiu mesmo acompanhar o raciocínio do professor em sala de aula, e identificar as dúvidas. Em segundo funciona, sempre como um “ensaio facilitado” para a prova, que nada mais é do que um exercício feito com mais tensão e tempo limitado. “Exercitar em casa e ter um momento solitário para ver se você aprendeu ou não. Fazer o dever de casa é estudar todo dia”, explica Heloisa de Campos, também do SOE.

Heloisa aponta ainda um outro problema. Como não estão em casa a maior parte do tempo e sentem-se culpados, os pais jogam para a escola a responsabilidade pelo controle dessas tarefas. “Muitos deles me dizem que não têm como saber se foi passado dever de casa ou não. Se eles não podem controlar isso, nós muito menos. Principalmente porque isso vai na contramão da busca de autonomia pela qual o São Vicente tanto luta”, diz. Mas atenção: o meio termo entre essa não-infantilização e negligência é muito tênue. “Às vezes os pais acham que não devem se intrometer nos processos dos filhos mais velhos. Aí mora o perigo, porque o contato vai

rareando até cessar totalmente o diálogo”, alerta Cordélia.

Cobrar ou não dever de casa em sala de aula é, no São Vicente, uma decisão do professor. Normalmente, nas outras séries mais baixas, que lidam com crianças mais novas, o rigor é maior. Nas outras, uma estratégia que quase sempre resulta em cadernos respondidos é passar dever valendo nota. Se o não cumprimento das tarefas é algo que estar claramente atrapalhando o desenvolvimento do aluno, decide-se, caso a caso, se deve ser tomada alguma providência. Nas 5ª e 6ª séries, por exemplo, o Colégio usa uma etiqueta para avisar aos pais que o filho não tem feito nenhuma tarefa de casa. Um dos maiores problemas talvez seja que, se o dever de casa é um meio de voltar à sala com dúvida ou domínio da matéria, o aluno que nunca faz os exercícios tem dificuldades de participar da aula e acaba incorrendo em problemas disciplinares mas para Cordélia, há coisa ainda pior: “Ele deixa para estudar na véspera da prova e não aprende nada, fica com aquele saber engavetado”.